

## ■ RESPONSABILIDADES

Manter uma casa funcionando envolve 65 tarefas diárias, como fazer o café, arrumar a cama e retirar o lixo. Por isso, a divisão precisa ser balanceada e começa no diálogo entre o casal

# Desequilíbrio doméstico

CAROLINA COTTA

Muitos deles já se orgulham em dizer que colaboram com as tarefas domésticas. Há uma mudança comportamental em curso, resultado de uma geração mais crítica e política. Mas trata-se de um movimento tímido. O pai, o irmão, o amigo que ajuda em casa pode ser cada vez mais frequente aos nossos olhos, mas não a ponto de transformar as estatísticas. E, principalmente, não a ponto de tomarem para si a responsabilidade pela casa, o que permanece com as mulheres. Os afazeres domésticos ainda são uma tarefa feminina no Brasil e a participação masculina nesses serviços não evoluiu muito nos últimos anos.

A constatação é da pesquisa Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), apresentada pelo Ministério do Trabalho e Previdência em função do Dia Internacional da Mulher. O percentual de homens que assume tarefas não remuneradas em casa cresceu pouco – de 46% para 51% em uma década. O das mulheres segue inalterado: em 2014, era de 90%. O tempo gasto com tais afazeres também retrata a desigualdade entre os gêneros. Nos 10 anos analisados, as mulheres aumentaram a presença no mercado de trabalho, mas reduziram pouco o tempo gasto com a casa, que passou de 27,1 horas semanais para 25,3 horas. Para os homens, o número se manteve inalterado: 10,9 horas semanais, menos da metade da dedicação delas.

E a divisão de tarefas independe da raça e da classe social. Ao contrário do que ocorre quando são analisados os dados de precarização, em que as mulheres negras e pobres sofrem mais do que as brancas de classe média, dentro de casa o único fator de desigualdade é o fato de ser homem ou mulher. “Quando tratamos de diferenças entre homens e mulheres, precisamos considerar não apenas o mercado de trabalho, mas o mundo do trabalho, que envolve o mercado, a casa e os filhos. São nesses últimos itens que a diferença é mais gritante”, analisa Rosane da Silva, coordenadora do Núcleo de Gênero do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

O abismo é tão grande que as mulheres ativas no mercado de trabalho – aquelas que exercem alguma atividade remunerada – chegam a dedicar quase o dobro do tempo aos afazeres domésticos, na comparação com os homens inativos, aqueles que estão fora do mercado de trabalho remunerado. A diferença é de 21,7 horas semanais para elas contra 13,7 horas semanais para eles.

A pesquisa mostra, ainda, que cuidar da casa não está diretamente ligado a poder ou a dinheiro. Nas moradias onde o homem é o chefe da família, as mulheres dedicam 28,7 horas semanais ao lar contra 11,5 horas do cônjuge. Quando a situação se inverte e a mulher vira chefe, o trabalho dela continua maior. Passa para 25,3 horas semanais, enquanto as do homem caem para 10,1 horas. Segundo Marlise Matos, professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, essa opressão é uma das bases sobre as quais se estrutura o patriarcado.

**AUTONOMIA** “Na vida moderna, um contrato sexual precede o contrato social. Nesse pacto, as mulheres não entram como sujeitas contratantes, mas sim como objeto contratado. Um exemplo é o matrimônio. Depois de anos subordinadas aos pais, elas passam à tutela do marido. Tiram da mulher a autonomia e a capacidade de ela ser ela própria, proprietária de si mesma. Elas, então, são desubjetivadas”, explica a estudiosa. Isso ocorre porque na entrada da modernidade os homens ficaram com a esfera do público, o mundo do contrato, da política, do mercado, e as mulheres ficaram com a esfera privada. “Como se isso fosse uma benção por se reproduzirem. Vem daí o conjunto de estereótipos associados às mulheres”, ressalta.

Mas quando elas se escolarizam e vão para o mercado, ou seja, para o espaço público, elas não voltam mais ao status anterior. “O privado virou dimensão associada ao mundo da mulher, um espaço socialmente legítimo. É impressionante como nos processos mais primários continuamos reproduzindo esse modelo. A construção social das relações de gênero reforça isso. Compramos bonecas para as meninas brincarem dentro de casa, e damos bola aos meninos, para que brinquem na rua. O próprio brinquedo do menino o leva para o espaço público, enquanto o da menina a preserva em casa. As consequências disso são parte do ódio que vemos hoje, quando as mulheres fazem o caminho na direção do público, da escolarização, do mercado de trabalho”, critica Marlise.



JAIR AMARAL/EM/D.A PRESS  
Rodrigo Magalhães acha justo dividir as tarefas com a esposa, Camila Tavares

## Deixar de sentir culpa

Muitos homens defendem que dividem as tarefas, mas ainda é a mulher que cuida da criança quando ela adoce e falta ao trabalho ou que sai mais cedo para a reunião na escola”

■ Marlise Matos, professora do Departamento de Ciência Política da UFMG e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher



Hoje, 48% da população ocupada no Brasil é de mulheres. Mas elas ainda precisam ser multitarefas, cuidando da casa e dos filhos, e muitas vezes, até dos maridos. O problema é que quando as esferas do público e do privado se cindiram, ocorreu uma hierarquização e o trabalho na esfera privada ficou inferiorizado. Ele não é reconhecido como trabalho. Tanto que as desigualdades em casa existem porque homens e mulheres participam igualmente no sustento da família, mas não compartilham as responsabilidades com os afazeres domésticos e os filhos. Há, inclusive, projetos para que essas ativida-

des sejam incluídas nos cálculos para aposentadoria.

Pesquisas do IBGE sobre o uso do tempo mostram que o trabalho doméstico familiar continua sendo uma atribuição estritamente feminina. O que, então, mudou, efetivamente? Para Marlise, há uma certa fachada. “Muitos homens defendem que dividem as tarefas, mas ainda é a mulher que cuida da criança quando ela adoce e falta ao trabalho ou que sai mais cedo para a reunião na escola.”

Para Marlise, mudanças estão em curso e parte delas vai ocorrer quando a cabeça da mulher mudar, quando ela deixar de sentir culpa. “Porque essa estrutura do patriarcado é muito perversa. Ela também afeta a experiência de vida das próximas mulheres. Há um pânico moral de não ser boa em tudo e isso acaba reproduzindo o modelo que hoje temos em mãos. O potencial de mudança está nas novas gerações. Os homens começam a enxergar, a ter a percepção desse desequilíbrio, mas ainda é pouco. Há um custo para mudar isso de maneira radical. É mais fácil repetir que ficar reinventando”, defende.

Casados desde 2013, os publicitários Rodrigo Magalhães, de 42 anos, e Camila Tavares, de 26, trabalham sempre até bem tarde. Os cuidados com roupas foram terceirizados, o que já alivia nas tarefas. O resto é acordado e dividido. Basicamente, Camila cuida das atividades relacionadas à limpeza, cozinha e organiza as coisas da casa e Rodrigo é responsável pelas tarefas mais diárias, como lavar vasilhas, arrumar a cama de manhã e à noite, recolher o lixo e fazer o café. “Ela sabe onde tudo está guardado e administra o que é de uso diário, o que deve e onde ficar guardado.”

Para ele, a divisão é equilibrada, pois não há imposição de tarefas. Mas Rodrigo teve exemplos em casa. Seus pais, já eram exceção em uma geração que cabia à mulher cuidar de tudo. Isso influenciou Ro-

drigo, mas também sua percepção de como mulheres com carreiras consolidadas no mercado de trabalho acabavam sacrificando suas carreiras, nunca os homens. “Desde sempre, meus pais trabalharam fora. Então, cresci vendo uma vida muito ativa dos dois, executando trabalhos de responsabilidade fora de casa, sempre dando muita atenção aos filhos quando estavam em casa. No entanto, aos fins de semana, quem assumia o fogão era meu pai. Isso pra mim foi um exemplo de que determinadas tarefas tradicionalmente desempenhadas pela mãe podem ser desempenhadas pelo pai”, lembra.

**EDUCAÇÃO** Idealizadora do curso como gerenciar minha casa, a administradora Olivia Cicci vê esse comportamento na prática, ou melhor, na turma. Criado com o objetivo de ensinar a conciliar os afazeres pessoal, profissional e doméstico pautados na organização e planejamento do tempo, no curso, os homens nunca são mais que 5% do público. “E são homens solteiros ou divorciados”, pontua a administradora de empresas. Em mais de 25 anos ensinando, Cicci lembra de ter tido um único aluno homem casado. E mesmo assim, porque a mulher, por algum motivo, não podia ir ao curso. “Ele faria por ela. Quando chegava em casa repassava tudo o que tinha aprendido”, explica.

Mãe de um casal, o fato incomoda a administradora, que acredita que os homens deveriam colaborar mais, que algo precisa ser feito para mudar essa cultura e que isso começa na educação que os pais dão para seus filhos. Cicci explica, por exemplo, que manter uma casa funcionando envolve 65 tarefas, como fazer o café, arrumar a cama, retirar o lixo etc. “As pessoas não têm ideia desse volume. Os maridos não imaginam que é tanta coisa. Essa divisão precisa ser equilibrada e ela começa no diálogo entre o casal”, defende. (CC)

Ψ Clínica da Alma Psicologia  
Dr<sup>a</sup> Katya Vilela  
Psicanálise/Sexologia/Dependência Química e Orientação Vocacional.  
31 - 3088-2018 / 99317-9287  
“Tudo tem um tempo determinado e há tempo para todo propósito debaixo do céu”